

O estatuto prosódico dos aumentativos e diminutivos em Português Arcaico: formas simples ou compostas?

(The prosodic status of augmentative and diminutive words in Archaic Portuguese: simple forms or compounds?)

Thais Holanda de Abreu¹

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

thaishabreu@bol.com.br

Abstract: This paper aims to present the study of augmentative and diminutive words in Archaic Portuguese (AP), through the observation of prosodic phenomena triggered by the morphophonological process of grade suffixes attachment: *-inno* and its variations for the diminutive, and *-on(a)* for the augmentative in Galician Portuguese, from the thirteenth century. In this study we intend to discuss the prosodic status of augmentative and diminutive forms in AP as simple forms (one main lexical stress) or compounds (two lexical stresses). Thus the mapping and the analysis of prosodic phenomena in AP aim to contribute to a more general description of the phonological component at that moment of the Portuguese origin.

Keywords: diminutive; augmentative; prosodic status.

Resumo: Este artigo objetiva apresentar o estudo das palavras aumentativas e diminutivas no Português Arcaico (PA) a partir da observação dos fenômenos prosódicos desencadeados pelo processo morfofonológico da adjunção dos sufixos de grau *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, no galego-português, século XIII. Através da exposição deste estudo pretendemos discutir a questão do estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em PA como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Logo, o mapeamento e a análise de fenômenos prosódicos no PA pretendem contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento de formação do Português.

Palavras-chave: diminutivos; aumentativos; estatuto prosódico.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir o estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico a partir da adjunção dos sufixos de grau *-inno(a)* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo. Através do mapeamento nas cantigas religiosas (*Cantigas de Santa Maria*, doravante CSM) e profanas (*Cantigas de escárnio e maldizer* – CEM¹) de fenômenos prosódicos desencadeados pela adjunção desses sufixos específicos, podemos descrever e discutir, baseados na teoria da Fonologia Não-Linear, o estatuto prosódico dos nomes aumentativos e diminutivos em PA como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Em suma, o presente artigo tem o intuito de fazer uma retrospectiva das principais propriedades dos nomes diminutivos e aumentativos, sob a ótica das Fonologias Não-Lineares (Lexical e Prosódica), apresentando, a partir dessas propriedades dos aumentativos e diminutivos para o Português Brasileiro (de agora em diante PB), algumas hipóteses para esses nomes no PA.

¹ Abreviatura que será utilizada de agora em diante referindo-se às cantigas de escárnio e maldizer, embora não corresponda, como no caso das CSM, ao título de nenhuma compilação feita na época medieval.

O porquê de se investigar as formas aumentativas e diminutivas do Português

A opção de se trabalhar com nomes aumentativos e diminutivos foi feita devido ao fato de esses nomes serem uma das formações derivacionais mais produtivas em língua portuguesa atualmente. Bizzocchi (2011) expõe sobre essa alta produtividade das formas aumentativas e diminutivas:

Nossa língua, especialmente a língua falada, é repleta de palavras aumentativas e diminutivas. Talvez seja essa uma das grandes diferenças do português: a sua facilidade em criar aumentativos e diminutivos a partir de qualquer palavra (“euzinho”, “devagarinho”, “rapidão”[...]). (BIZZOCCHI, 2011, p. 28)

De acordo com Basílio (2004), a expressão de grau no PB pode ter uma função expressiva (diminutivo e aumentativo são usados como marcador de afetividade ou depreciação) ou denotativa (um referente denotando características de pequeno ou grande). A função expressiva (chamada também subjetiva) é a mais utilizada pelos falantes, uma vez que expressa subjetivamente a excelência de algo nos aumentativos (“João tem um cachorrão”) ou a afetividade do falante sobre o objeto referido nos diminutivos (“Cadê minha cervejinha?”). Desta forma, o presente estudo observou durante a coleta de dados que a função expressiva inerente aos diminutivos e aumentativos já estava presente nessas formas em PA (cf. seção de apresentação dos resultados).

Além de produtivas, as derivações de grau apresentam um comportamento prosódico peculiar, uma vez que, ao contrário dos demais derivados, costumam manter o acento da base, depois de feita a adjunção dos sufixos, como ocorre em “bélo” → “bélinho” (em que a manutenção do acento da base é evidenciada pela manutenção do timbre aberto da vogal média). Observado esse fato no PB, pesquisamos a origem histórica desse fenômeno, e constatamos que desde o PA essas formas apresentavam um comportamento prosódico peculiar, se comparadas aos demais derivados (cf. seção 5).

Corpus e metodologia

As Cantigas de Santa Maria e as Cantigas de Escárnio e Maldizer

As *Cantigas de Santa Maria* foram compostas na segunda metade do século XIII, com autoria atribuída a Dom Afonso X, rei de Leão e Castela, denominado também “o Sábio”. É preciso salientar que a maioria dos estudiosos dessas cantigas, como Parkinson (1998), acredita que nem todas elas são de autoria exclusiva do rei. Segundo Parkinson:

é de suponer que o rei tería acompañado de cerca a estructuración e a composición da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras cousas en qué se ocupar). A lóxica indicamos, xa que logo, que non podería o rei ter composto todas as 420 *Cantigas* e, o mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas. (1998, p. 183)

Parkinson (1998) problematiza ainda a questão de como definir critérios que nos permitam identificar as cantigas de autoria de Afonso X e, embasando-se em Mettmann

(1987, p. 364), nos sugere que as cantigas de autoria do rei sábio são as “cantigas pessoais” (cf. PARKINSON, 1998, p. 183), que estão em primeira pessoa do singular e representam seus sentimentos, suas vivências e desejos em relação à Virgem Maria.

As 420 *Cantigas de Santa Maria* são, de acordo com Leão (2007, p. 21), líricas ou lírico-narrativas e dividem-se em cantigas de *miragre* (cantigas de milagre, as quais revelam os feitos milagrosos da Virgem Maria; são poemas narrativos) e cantigas de *loor* (cantigas de louvor, que louvam e fomentam a devoção mariana; poemas líricos). No entanto, devido ao fato de as cantigas de milagre revelarem os milagres da Virgem e, conseqüentemente, encerrarem louvores a ela, é possível, no fundo, considerar todas as cantigas como de louvor. As cantigas de milagre nos revelam ser predominantes, uma vez que, de acordo com Leão (2007, p. 24), elas aparecem em uma proporção de nove por um, ou seja, para cada grupo de nove cantigas de milagre tem-se uma cantiga de louvor, numerada com dezena inteira.

As cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria chegaram até nós por meio de quatro manuscritos antigos,² conhecidos como códices - E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas. Atualmente, dois desses códices são guardados na Biblioteca do Escorial (E e T), um na Biblioteca Nacional de Madrid (To) e outro na Biblioteca Nacional de Florença (F).

Em relação às cantigas de escárnio e maldizer, sabe-se que são composições que reúnem não somente as sátiras literárias ou maledicências pessoais, mas também as sátiras morais, políticas, assim como os prantos, as tenções e as paródias. Segundo Lanciani e Tavani, as cantigas de escárnio e maldizer são o terceiro dos gêneros canônicos produzidos por trovadores e indubitavelmente o menos homogêneo e o mais difícil de identificar e definir:

[...] quando se fala de cantigas de escárnio e maldizer referimo-nos ambigüamente a um conjunto de textos, frequentemente muito diversos entre si por temas e modulações tonais, no qual confluem não só escárnios e maledicências de breve alcance e de interesse estritamente pessoal ou de grupo, mas também sirventeses morais e políticos, sátiras literárias e de costume, queixas e lamentos, tenções e paródias, isto é, todos os textos que não são de qualquer modo assimiláveis às cantigas de amor ou às cantigas de amigo. (LANCIANI; TAVANI, 1998, p. 9)

Como a citação acima expõe, esse gênero de cantigas medievais possui uma variedade temática muito grande. Sendo assim, tal variedade justifica nossa escolha por este tipo de *corpus*, uma vez que, assim como as cantigas religiosas, as cantigas de escárnio e maldizer trazem uma riqueza lexical muito grande, fator indispensável para um estudo que pretende analisar formas existentes no léxico do PA.

2 O Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, ao qual a autora deste artigo está ligada, constituído por alunos de graduação e pós-graduação na UNESP/Araraquara e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari, tem acesso aos microfilmes desses manuscritos e também a duas edições fac-similadas das *Cantigas de Santa Maria*.

A maioria dos estudiosos dessas cantigas (cf. LANCIANI; TAVANI, 1998; LAPA, 1998) considera dois tipos diferentes de cantigas, embora ambas focalizem o fato de falar mal de alguém. De acordo com Massini-Cagliari (2005, p. 45), essas cantigas diferem-se apenas pela forma como elas fazem a difamação: coberta ou descoberta, ou seja, se a cantiga falava mal indiretamente de alguém era de escárnio, caso contrário, era de maldizer.

Assim como as cantigas religiosas, as de escárnio e maldizer chegaram até nós por meio de dois manuscritos antigos, a cujas edições fac-similadas os pesquisadores do Grupo “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro” também têm acesso. Um deles é o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, conhecido também pelas abreviaturas B ou CNB e denominado antigamente de *Cancioneiro Colocci Brancuti*. Segundo Massini-Cagliari (2007a, p. 16), esse cancionero é o mais completo entre os três existentes com cantigas profanas galego-portuguesas, pois além de conservar o maior número de textos e autores é o único que apresenta a *Arte de Trovar*. O outro manuscrito é o *Cancioneiro da Vaticana*, conhecido pelas abreviaturas V ou CV. De acordo com Massini-Cagliari (2007a, p. 22), possui muitas afinidades com o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, pois se acredita na hipótese de que os copistas de ambos os cancioneros tenham trabalhado simultaneamente a partir de um único exemplar original distribuído em cadernos.

Massini-Cagliari (2007b, p. 122), a respeito da utilização do galego-português presente na composição das cantigas, demonstra, em seu artigo “Legitimidade e Identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português”, que o galego e o português daquela época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”, no que concerne a alguns aspectos prosódicos, como acento, constituição silábica e processos de sândi. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes possivelmente da Galiza, mas compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema” (MASSINI-CAGLIARI, 2007b, p.122).

Assim, pode-se afirmar que as *Cantigas de Santa Maria* são representantes do momento de formação da língua portuguesa (ou do galego-português, como seu ancestral legítimo) e, conseqüentemente, podem contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento. Já afirmara Leão (2007, p. 9) que “[...] as *Cantigas*, nas brumas da história, coincidem com o momento fundador do Reino de Portugal e também da língua portuguesa”.

As Cantigas Medievais e sua relevância para estudos de caráter prosódico: metodologia utilizada

Massini-Cagliari (2005) afirma que pouco se sabe a respeito da prosódia do PA, devido ao fato de alguns autores (cf. MAIA, 1986; MATTOS E SILVA, 1989; TOLEDO NETO, 1996) trabalharem prioritariamente com *corpora* em prosa e terem outros focos de estudo.

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos [...] de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha de material entre material poético e não poético para constituição do corpus não se coloca. Como os textos remanescentes em PA são todos

registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações [...] a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 142)

No entanto, em relação a textos poéticos, principalmente com uma métrica fixa, ocorre o contrário, ou seja, a partir da observação de como o poeta trovador conta as sílabas poéticas e localiza os acentos em cada verso, podem ser observados os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Sobre isso já afirmava Allen (1973, p.103): “metrical phenomena cannot be ignored, since, especially in the case of dead languages, the relationship between poetry and ordinary language may provide clues to the prosodic patterning”.

Para Abercrombie (1967, p. 98), o ritmo da fala corrente é o fundamento do verso. Assim, fala e poesia não se distinguem tipologicamente quanto ao ritmo. Para esse autor, a única diferença entre o ritmo da fala e o da poesia é: na poesia, este se encontra organizado de maneira a produzir padrões recorrentes, que por sua vez são percebidos pelo leitor. Já na fala esse fato não acontece.

Sendo assim, em uma época da qual não se tem registros orais, é imprescindível a escolha de um *corpus* como as cantigas medievais religiosas para a realização de um estudo em nível fonológico que investiga, ao lado dos fenômenos segmentais, também elementos de natureza prosódica, pois a estrutura métrico-poética dessas cantigas pode revelar aspectos fonético-fonológicos daquele período que não costumavam aparecer representados na escrita da época. Por meio da metrificação poética e da definição dos limites das sílabas fonéticas podemos localizar os acentos poéticos e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação de sua estrutura prosódica e permitindo — no caso dos nomes diminutivos e aumentativos — formular hipóteses a respeito de esses nomes serem, no período arcaico do português, derivados (um acento lexical) ou compostos (dois acentos lexicais).

Vejamos abaixo um exemplo da aplicação da metodologia:

(01) Cantiga 79: Como Santa Maria tornou a mena que era garrida, corda, e levó-a sigo a parayso.

A/ques/to/ foi/ fei /to/ por/ hũ/a/ me/ ny /nna	5-11
que/ cha/ma/van/ Mu /sa/, que/ mui/ fre/mo/ si /nna	5-11
e/ra /e/ a/ pos /ta/, mas/ ga/rri/de/ li /nna	5-11
e /de/ pou/co/ sen .	5

(METTMANN, 1986, p. 256)

O exemplo (01) demonstra a metrificação das sílabas átonas e tônicas (que estão em negrito e marcadas com números no final de cada verso) de um trecho da cantiga 79. Verifica-se que os vocábulos *fremosinna* (“formosinha”) e *garridelinna* (“garridinha”) possuem a tônica na sílaba 11³ dos versos em que estão inseridas e, dessa forma, por estarem

3 De acordo com Castilho (1908), as sílabas poéticas deveriam ser contadas até a última tônica dos versos, observação esta que mostra que, em seu tempo, os poetas de língua portuguesa se apoiavam mais nos acentos do que no número das sílabas para compor os versos.

em final de verso, essas palavras “são, com certeza, portadoras do acento principal” (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 1998, p. 97).

Embasamento teórico

As teorias que dão suporte para a descrição dos fenômenos fonológicos aqui expostos são as teorias da Fonologia Não-Linear, sobretudo a Fonologia Lexical (FL) e a Fonologia Prosódica.

A Fonologia Lexical (FL)

As propriedades prosódicas dos diminutivos e aumentativos são analisadas de acordo com a Fonologia Lexical (FL), sobretudo a partir dos estudos de Lee (1995) para o Português Brasileiro (PB), e com a Fonologia Prosódica, a partir dos trabalhos de Nespor e Vogel (1986), Selkirk (1979) e Vigário (2001).

A fonologia lexical estuda a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas por meio da observação da atuação das regras fonológicas. Desse ponto de vista, a dúvida reside em considerar os diminutivos e aumentativos do português como derivados ou compostos, sendo que, dessa perspectiva, esses nomes podem até mesmo receber uma classificação intermediária entre esses dois tipos de formação de palavras.

De acordo com Cagliari (2008, p. 124), o léxico de uma língua se estrutura em níveis e “contém regras ligadas ao componente fonológico propriamente dito”. Assim sendo, os dois grandes níveis da fonologia lexical, de acordo com Kiparsky (1982, p. 132), são: o nível lexical e o nível pós-lexical.

A estrutura do léxico assumida pela FL pode ser representada pelo esquema a seguir, proposto por Kiparsky (1982):

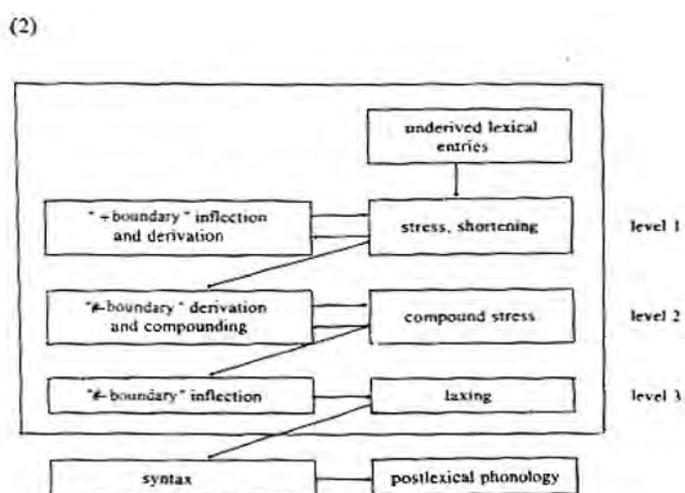


Figura 1. Estruturação do léxico proposta por Kiparsky (1982, p. 132)

Observando a figura acima, constataremos que as setas que ligam o nível fonológico ao nível morfológico são reversíveis. Isso significa que a FL trabalha com a hipótese de que há uma interação e uma influência entre esses dois componentes da gramática (Fonologia e Morfologia) no momento de formação das palavras. Partindo desse fato, pode-se afirmar

que as regras fonológicas são aplicadas depois de cada operação morfológica, isto é, a saída de cada regra morfológica é submetida, em seu estrato, a regras fonológicas. Portanto, o modelo da Fonologia Lexical postula que as regras fonológicas operam em conjunto com as morfológicas no léxico. Ao se adjungirem os sufixos de diminutivo e aumentativo a uma determinada base, observa-se a ocorrência de processos fonológicos ocasionados justamente pelo acréscimo de um elemento morfológico (os sufixos) e que a partir dessa junção a posição do acento da base pode ser modificada na palavra derivada.

A fonologia lexical também possui dois tipos de regras: 1. as que lidam com os ajustes que são desencadeados a partir da combinação de morfemas, como no caso em Português da regra de abrandamento da velar, que transforma o /k/ de *eletrik-* em /s/ diante do morfema *-idade*; 2. aquelas que realizam modificações na estrutura segmental, utilizadas no momento em que a forma subjacente não satisfaz as condições fonotáticas, isto é, quando a forma subjacente não permite a boa formação de uma palavra (em termos fonológicos). Como exemplo de 2, em que temos as regras de silabificação e as epênteses. Vejamos na figura abaixo as características das regras lexicais e das regras pós-lexicais:

<i>LEXICAL</i>	<i>POST-LEXICAL</i>
a. may refer to word-internal structure	a. cannot refer to word-internal structure
b. may not apply across words	b. may apply across words
c. may be cyclic	c. cannot be cyclic
d. if cyclic, then subject to strict cycle	d. non-cyclic, hence across-the-board
e. structure-preserving	e. need not be structure-preserving
f. may have lexical exceptions	f. cannot have lexical exceptions
g. must precede all post-lexical rule applications	g. must follow all lexical rule applications

Figura 2. Regras Lexicais e Pós-lexicais propostas por Pulleyblank (1986, p. 7)

A Fonologia Prosódica

A Fonologia Prosódica é a outra teoria que serve de apoio para a análise e descrição dos fenômenos fonológicos estudados. Ela teve início com a proposta de Elisabeth O. Selkirk (1979). Outros trabalhos de renome na área são os de Nespov e Vogel (1986) e Vigário (2001).

De acordo com Selkirk (1979), tal teoria surgiu da necessidade de se postularem níveis prosódicos acima da sílaba:

Recent work in linguistics has focused attention on units larger than the segment, and, while giving additional support for the syllable, has furthermore shown **the necessity of positing an even richer array of types above the level of the syllable.** (SELKIRK, 1979, p. 1-2, grifo nosso)

Sendo assim, os constituintes prosódicos que demonstram a ideia inicial de Selkirk (1979) são os seguintes:

**Quadro 1. Constituintes prosódicos segundo proposta de Selkirk (1979).
Elaborado por Massini-Cagliari (1995, p. 102)**

Proposta de Selkirk (1979)		
CONSTITUINTES PROSÓDICOS		
constituintes	tradução	símbolos
phonological utterance	enunciado fonológico	U
intonational phrase	grupo entoacional	I
phonological phrase	grupo fonológico	Φ
phonological word	palavra fonológica	ω
foot	pé	Σ
syllable	sílaba	σ

De acordo com o quadro acima, um constituinte prosódico é sempre composto de uma ou mais unidades prosódicas imediatamente inferiores na hierarquia prosódica. Assim, por exemplo, uma palavra fonológica (foco da análise dos nomes diminutivos e aumentativos) é necessariamente composta de pés, que são compostos de sílabas, e assim por diante.

A maioria dos estudiosos da área da Fonologia Prosódica é unânime em dizer que o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica. Segundo Vigário (2001, p. 23), “A prosodic word must bear one and only one (word) primary stress”. Nespor e Vogel (1986) também pensam da mesma forma em sua análise para o Italiano: “Since a phonological word may contain at most one primary stress, the data in (65) show that suffixes form one ω with the stem, while the data in (67) show that in compound word there must be two ωs” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 130). Sendo assim, a palavra fonológica (ω) é um constituinte prosódico muito importante para o nosso estudo, pois o fator determinante para sabermos quando estamos diante uma ω é a presença de um domínio acentual independente, ou seja, a presença de um acento primário de palavra. Ao definirmos o número de palavras fonológicas nas ocorrências mapeadas nas cantigas medievais poderemos classificá-las em formas simples ou compostas.

Resultados

A coleta de dados nos *corpora* deste estudo possibilitou o mapeamento de todos os casos de diminutivo e aumentativo encontrados nas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria e também nas 431 cantigas de escárnio e maldizer, quantificados nas tabelas a seguir:

Tabela 1: Total de ocorrências para aumentativos e diminutivos em 420 cantigas religiosas

Ocorrências de palavras com sufixo de grau: CSM 1-420	Subtotal
Diminutivos	45 (84%)
Aumentativos	9 (16%)
TOTAL	54 (100%)

Tabela 2: Total de ocorrências para aumentativos e diminutivos em 431 cantigas de escárnio e maldizer

Ocorrências de palavras com sufixo de grau: CEM 1-431	Subtotal
Diminutivos	10 (20%)
Aumentativos	42 (80%)
TOTAL	52 (100%)

Ao observarmos as tabelas acima constatamos maior produtividade dos nomes diminutivos nas CSM (45 ocorrências de diminutivo contra 9 de aumentativo) do que nas 431 cantigas de escárnio e maldizer (10 ocorrências de diminutivo contra 42 de aumentativo). Essa situação pode ser explicada por meio do objetivo intrínseco aos textos, o de louvar a Virgem Maria, – no caso das CSM – e o de difamar hábitos da corte, propiciando o uso de uma linguagem mais pejorativa – no caso das cantigas de escárnio. Tal função expressiva, como vimos na seção 1 do presente artigo, é inerente aos diminutivos e aumentativos até hoje, no PB.

Uma breve descrição do *status* fonológico dos nomes diminutivos e aumentativos como formas simples ou compostas a partir das cantigas medievais

O processo mais produtivo mapeado com as formas diminutivas em *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)* nas CSM foi o de afixação/justaposição⁴ (98% das ocorrências mapeadas). Foram mapeados também os processos de desvozeamento da alveolar, epêntese e espraimento da nasal (2% dos casos), como mostra a tabela abaixo. Devido à grande ocorrência dos casos de afixação, daremos destaque apenas para a análise do acento nesse processo.

Tabela 3. Processos envolvendo as ocorrências de diminutivo em PA separados por sufixo

	<i>-inn(o,a)</i>		<i>-cinn(o,a)</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
Afixação/Justaposição	43	98%	7	64%
Epêntese	---	---	3	27%
Espraimento da nasal	1	2%	---	---
Desvozeamento da alveolar	---	---	1	9%
Total	44	100%	11	100%

Utilizando-nos da teoria da Fonologia Lexical (FL), teremos a seguinte estrutura de formação para os diminutivos com o sufixo *-inn(o,a)* em PA:

⁴ Alguns autores, como Monteiro (2002) e Prado (2010), adotam esse termo para designar a afixação derivacional, ou seja, o ato apenas de justapor os sufixos sem provocar mudanças de ordem morfofonológica. A literatura linguística em geral (cf. BECHARA, 1980; CUNHA, 1970; DUBOIS, 1973; VILLALVA, 2003) se utiliza do termo justaposição para se referir apenas ao processo de justapor palavras nos nomes compostos. Porém o termo *justaposição* neste trabalho é utilizado na acepção dada por Monteiro (2002) e Prado (2010), ou seja, não é uma nomenclatura para nomes compostos, mas sim para denominar a junção de morfemas em processos derivacionais que não sofrem mudanças morfofonológicas.

(02)	Léxico		
	[fremos] + iju	→	Adjunção (Morfologia)
	[fre.mo.si.ju]	→	Silabificação (Fonologia)
	(x .)		
	fre.mo.sí.ju	→	Acento
	/fremosiju/	→	Nome (<i>output</i>)

Em (02), observamos que primeiramente ocorre a adjunção do radical + o sufixo formador do diminutivo, ou seja, tem-se início o processo de afixação. Posteriormente, verificamos o processo de silabificação, de flexão de número e gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário). No processo de afixação dos diminutivos em *-inn(o,a)* no PA, verificamos que a Regra de Atribuição do Acento ocorre no interior dessas palavras, *fremos- + -ínn(o,a) = fremosínn(o,a)*, uma vez que, como podemos observar na subseção, tal sufixo se adjunge entre tal base e a sua respectiva VT. Portanto, *-inn(o,a)* ocorre no interior de uma palavra e essa dependência estrutural nos indica que as ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)* carregariam apenas o acento de palavra. Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica — o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica —, podemos inferir que as formas diminutivas em *-inn(o,a)* que passaram pelo processo de afixação possuem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos permitindo afirmar que tais formas são simples.

Observemos agora um processo de afixação/justaposição com uma ocorrência com o sufixo *-cinn(o,a)*:

(03)	Léxico		
	[jude][u] [ciɲ][u]		
	— —	→	Afixação
	[judeu] [ciɲu]	→	Flexão
	ju.deu ci.ju	→	Silabificação
	(x) (x .)		
	ju.déu cí.ju	→	Acento Lexical (primário)
	[judeuciɲu]	→	Formação do composto
	(x)	→	Acentuação composto
	(x) (x .)		
	judeu cinno		
	/jùdeuciɲu/	→	Output

Em (03), diferentemente de (02), observamos que não ocorre uma afixação ou adjunção antes da silabificação. A palavra “judeu” e o sufixo *-cinn(o,a)* seguem percorrendo o léxico de forma autônoma até a atribuição do acento lexical. Dessa forma, percebemos que ambos os elementos agem de forma similar a uma palavra independente, com acento lexical individual. Utilizando-nos do critério de Vigário (2001), que delimita o número de palavras prosódicas por meio da quantidade de acentos, podemos afirmar que nas ocorrências com o sufixo *-cinn(o,a)/-zinn(o,a)* teríamos duas palavras fonológicas.

Portanto, a Regra de Atribuição do Acento nos diminutivos em *-cinn(o,a)* em PA é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT \emptyset), e, sendo assim, teríamos uma forma composta (com duas ω): *judéu + cínn(o) = jùdeucínno*.

Para comprovar a existência dessas duas proeminências prosódicas na palavra *judeucinno* recorreremos à metrificação poética dos versos em que ela aparece. Vejamos a seguir:

- (04) Cantiga 4: Esta é como Santa Maria guardou ao fillo do judeu que non ardesse, que seu padre deitara no forno.

O/ ju / deu / cỹ /o/pra/ zer	2-4/5-7 ⁵
ou/ve/, ca/ lle / pa/re/ ci /a	1-4-7
que/ os /ti/as/ a/co/ mer	2-5-7
lles/ da /va/ San /ta/Ma/ ri /a,	2- 4-7
que/ vii /a/ res /pran/de/ cer	2-5-7
e/no/al/ tar /u/ sii /a	1-4-6
e/e/nos/ bra /ços/ tẽ / er	2- 4-7
seu/ Fi /llo/ He /ma/ nu /el.	2-4-6

(METTMANN, 1986, p. 64)

A metrificação em (04) nos revela que todos os versos têm três acentos e que na maioria deles a primeira sílaba tônica aparece na segunda sílaba poética. No caso de *judeucinno*, observamos que há uma proeminência no sufixo *-cỹo*, porém não podemos afirmar com total certeza se a segunda proeminência nessa palavra ocorria na sílaba *ju* ou na sílaba *deu*. Para ocorrer em *ju* todos os versos da cantiga teriam de ter necessariamente um acento na segunda sílaba, o que não acontece nesse caso. Por outro lado, podemos pensar na possibilidade da proeminência ocorrer em *deu*, já que o PA permitia colisão acentual, fato este que pode ser observado no resultado da aplicação dos processos de sândi. Contudo, também não podemos considerar essa segunda possibilidade como a mais adequada, pois a metrificação em (04) nos mostra que a segunda sílaba tônica dos versos aparecia ou na quarta ou na quinta sílaba poética e não na terceira, posição em que se encontra a sílaba *deu*.

Portanto, adotamos a possibilidade de haver uma proeminência prosódica ou na sílaba *ju* ou na sílaba *deu*, uma vez que, se todos os versos têm três acentos, logo o verso em que se encontra *judeucinno* também tem de ter. Dessa forma, tem de haver mais de uma proeminência nessa ocorrência, fato que nos aponta claramente que se trata de uma forma composta.

Observemos agora a tabela que aponta os processos envolvendo as ocorrências de aumentativo em PA. Assim como nos diminutivos, daremos destaque apenas para a análise do acento no processo mais produtivo (afixação/justaposição), devido à grande ocorrência de casos nesse processo (90% das formas aumentativas mapeadas).

Tabela 4. Processos envolvendo as ocorrências de aumentativo em PA

	<i>-on(a)</i>	
	quantidade	%
Afixação/Justaposição	45	90%
Amolecimento da velar (Fricativização)	4	8%
Vozeamento da dental	1	2%
Total	50	100%

⁵ Os números no final de cada verso correspondem à localização das sílabas tônicas (poéticas) em seu interior.

Tomando como base a FL, teremos a seguinte estrutura de formação para os nomes aumentativos que passaram pelo processo de afixação:

(05)	[citol] + on	→	Adjunção (Morfologia)
	[ci.to.lon]	→	Silabificação (Fonologia)
	(x)		
	ci.to.lón	→	Acento
	/citolón/	→	Nome (<i>output</i>)

Assim como a ocorrência exemplificada (*citolon* - guitarra grande), mapeamos no *corpus* utilizado mais quarenta palavras com o sufixo *-on(a)* e que também passaram pelo processo de formação apresentado em (05). Esses vocábulos iniciam o processo de formação com a adjunção do sufixo aumentativo e o conclui logo depois da atribuição do acento no léxico.

Em (05), observamos que a adjunção do radical + o sufixo formador do aumentativo, ou seja, o processo de afixação ocorre antes da silabificação. Verificamos ainda o processo de flexão de número e gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário). Assim como nos diminutivos em *-inn(o,a)*, a Regra de Atribuição do Acento nos aumentativos em PA é aplicada no interior da palavra (*citol- + -ón = citolón*). Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica — o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica —, podemos inferir que as formas aumentativas em *-on* possuem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos permitindo afirmar que tais formas são simples. Se tal acento é atribuído no interior dessas palavras, logo essas formas seriam formadas no léxico desde o PA.

Para comprovar a existência de apenas uma proeminência prosódica nas palavras com o sufixo *-on*, recorreremos à metrificação poética dos versos em que aparece a palavra *citolon* (“guitarra grande”). Vejamos a seguir:

(06) CBN.1497; CV 1107)

E/se/ ri /a/co/nho/ce/ dor	3-8
de/seu/tro/ bar /, por/non/fa/ zer	4-8
os/ou/ tros /e/ rra /dos/se/ er ;	3-5-8
e/el/gua/ rri /a/mui/me/ lhor	4-8
sen/tro/ bar /e/sen/ci/to/ lon ,	3-8
pois/per/ deu /a/voz/e/o/ son ,	3-8
por/ que /o/fe/ ri /an/pei/ or .	2-5-8

(LAPA, 1998, p. 144)

Em (06), percebemos que a palavra *citolon* possui apenas uma proeminência poética/prosódica. Se observamos a metrificação veremos que há o acento principal da palavra em questão na sílaba *lon*, uma vez que tal sílaba é uma das tônicas do verso. Dessa forma, a metrificação em (06) nos revela que os nomes aumentativos em PA apresentam apenas um acento lexical. A existência de apenas um acento lexical nas ocorrências de aumentativo pode ser comprovada pelo fato de que o PA era sensível à quantidade silábica na construção dos pés (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1995, 1999), isto é, qualquer sílaba longa (ou pesada) posicionada na penúltima ou última posição silábica da palavra atraía

o acento principal. Sendo assim, nos aumentativos mapeados nas cantigas medievais, verificamos que essas formas possuíam uma sílaba pesada na última posição (sílabas *-on*, *-ron* ou *-zon*) e, portanto, atraíam o acento principal (lexical) e único da palavra, como pode ser visto na metrficação em (06).

Conclusão

A partir de nossa análise pudemos concluir que tanto as formas aumentativas como as formas diminutivas em *-inn(o,a)* são formas simples, uma vez que a Regra de Atribuição de Acento nessas formas ocorre em seu interior e, devido a isso, pode-se afirmar que os aumentativos e os diminutivos em *-inn(o,a)* correspondem a apenas uma palavra fonológica com um único acento.

Por outro lado, os diminutivos em *-cinn(o,a)* apresentam comportamento prosódico um tanto diferenciado dos aumentativos e diminutivos em *-inn(o,a)*. Constatou-se que o padrão acentual dessas formas aponta para a existência, assim como em PB, de duas proeminências prosódicas. Portanto, a Regra de Atribuição do Acento é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT \emptyset) e, sendo assim, teríamos uma forma composta (com duas ω): *judéu + cínno(o) = júdeucínno*.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967. 203 p.

ALLEN, W. S. *Accent and Rhythm - Prosodic Features of Latin and Greek, a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973. 408 p.

BASÍLIO, M. Sufixação sem mudança de classe. In: _____. *Formações e classes de palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 67-77.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1980. 669 p.

BIZZOCCHI, A. Tamanho é documento. *Revista Língua*, São Paulo, n. x, p. 28-29, abr. 2011.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. 208 p.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. *Revista da Anpoll*, São Paulo, n. 5, p. 77-105, 1998.

CASTILHO, A. F. de. *Tratado de metrficação portuguesa*. Lisboa: Casa dos Editores, 1908. 156 p.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1970. 806 p.

DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 80, 190, 191.

KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: _____. *The Structure of Phonological Representations: Part I*. USA: Foris Publications, 1982. p. 131-164.

LANCIANI, G.; TAVANI, G. *A cantiga de escarnho e maldizer*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LAPA, M. R. *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. 4. ed. ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa, 1998. 393 p.

LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. 178p.

LEE, S. H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 201f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Morfologia e Fonologia) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MAIA, C. *História do Galego-Português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. 1008 p.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a. 222 p.

_____. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: _____. *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007b. p. 101-126.

_____. *A música da fala dos trovadores: Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. 348f. Tese (Livre Docência em Linguística. Área de Concentração: Fonologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

_____. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999. 207 p.

_____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. 300f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Fonologia) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

METTMANN, W. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: _____. *Studies on the Cantigas de Santa Maria*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987. p. 355-366.

_____. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986. 345p.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1989. 879 p.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002. 218 p.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais. In: _____. *Anuario de estudios literarios galegos*. Vigo, 1998. p. 179-205.

PRADO, N. C. *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro*. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Morfologia e Fonologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986. 249 p.

SELKIRK, E. O. On the Nature of Phonological Representation. In: ANDERSON, J.; LAVER, J.; MYERS, T. (Eds.). *The cognitive Representation of speech*. Amsterdam: North Holland Publishing Co., 1979. p. 1-25.

TOLEDO NETO, S. A. *Variação Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia (Cod. ANTT 643)*. 1996. 105f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in european portuguese*. PhD Dissertation. Lisbon: University of Lisbon, 2001. 433 p.

VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, M. H. M; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Portugal: Editorial Caminho, 2003. p. 979-980.